é que havemos de fallar?... . W melhor cantar, não sei porquê... O canto, quando gente canta de noite, é um a pessoa alegre e sem medo que entra de repente no quarto e aquece a consolar nos.. . Eu podia cantar-vos uma canção que cantávamos em casa d meu passado. Porque é que não quereis que vol a cante?
Terceira. — Não vale a pena, minha irmã... Quando alguém canta, eu não posso estar commigo. Tenh o que não poder recordar-me. E depois todo o meu passado torna-s outro e eu choro um a vida morta que trago commigo e que não vivi nunca. E' sempre tarde do mais para cantar, assim como é sempre tarde de mais para não cantar.

(uma pausa)

Primeira.— Prevê será dia... Guardemos silencio... A vida assim o quer... Ao
pé da minha casa natal havia uma lago. Eu ia lá e assentava-me á beira d'elle, sobre u tronco de arvore que cahira quasi dentro de agua. .. Sentava-me na ponta e molhava n agua os pés, esticando para baixo os dedos. Depois olhava excessivamente para as pont dos pés, mas não era para as ver.-.. Não sei porquê, mas parece-me d'este lago que e nunca existiu. . . Lembrar-me. d'elle é como não me poder lembrar de nada. . . Quem sab porque é que eu digo isto e se fui eu que vivi o que recordo?.
Segunda. — A' beira-mar somos tristes quando sonhamos... Não podemos ser o que queremos ser, porque o que queremos ser queremol-o sempre ter sido no passado. Quando a onda se espalha e a espuma chia, parece que ha mil vozes mínimas a falla A espuma só parece ser fresca a quem a julga uma. . . Tudo é muito e nós não sabemo nada. . . Quereis que vos conte o que eu sonhava á beira-mar?
Primeira.— Podeis contal-o, minha irmã, mas nada em nós tem necessidade de que nol-o conteis... Se é bello, tenho j á pena de vir a tel-o ouvido. E se não é bello, esperae..., contae-o só depois de o alterardes...
Segunda. — Vou dizer-vol-o. Não é inteiramente falso, porque sem duvida nad a é inteiramente falso. Deve ter sido assim... U m dia que eu dei por mim recostada no cimo frio de u m rochedo, e que eu tinha esquecido que tinha pae e mãe e que houvera e mim infância e outros dias—ness e dia vi ao longe, como uma cousa que eu só pensass em ver, a passagem vaga de uma veia... Depois ella cessou... Quando reparei pa mim, vi que j á tinha esse meu sonho... Não sei onde elle teve principio... E nunca tornei a ver outra vella. . . Nenhuma das velas dos navios que sahem aqui de um porto s parece com aquella, mesmo quando é lua e os navios passam longe devagar. . .
Primeira. — Vejo pela janella um navio ao longe. E' talvez aquelle que vistes.. .
Segunda. — Não, minha irmã; esse que vedes busca sem duvida um porto qualquer.. Não podia ser que aquelle que eu vi buscasse qualquer porto. . .
Primeira. — Porque é que me respondestes ?.. . Pode ser. . . Eu não vi navio nenhum pela janella. . . Desejava ver um e fallei-vos d'elle para não ter pena. . . Contae-nos agor o que foi que sonhastes á beira-mar...
Segunda.— Sonhava que um marinheiro se houvesse perdido numa ilha longinqua Nessa ilha havia palmeiras hirtas, poucas, e aves vagas passavam por ellas... Não vi alguma vez pousavam... Desde que, naufragado, se salvara, o marinheiro vivia alli.. Como elle não tinha meio de voltar á pátria, e cada vez que se lembrava d'ella sofrYia poz-se a sonhar um a pátria que nunca tivesse tido; poz-se a fazer ter sido sua um a out pátria, uma outra espécie de paiz, com outras espécies de paysagens, e outra gente, outro feitio de passarem pelas ruas e de se bebruçarem das janellas... Cada hora e construía em sonho esta falsa pátria, e. elle nunca deixava de sonhar, de dia á somb curta das grandes palmeiras, que; se recortava, orlada de bicos, no chão areento e quent de noite, estendido na praia, de costas, e não reparando nas estrellas.

Primeira. — Não ter havido uma arvore que mosqueasse sobre as minhas mãos esten didas/ a sombra de um sonho como esse!.
Terceira. — Deixae-a fallar... Não a interrompaes.. . Ella conhece palavras que as sereias lhe ensinaram.. . Adormeço para a poder escutar. . . Dizei, minha irmã, dizei. . Meu coração doe-me de não ter sido vós quando sonháveis á beira-mar. . .
Segunda. — Durant e annos e annos, dia a dia o marinheiro erguia num sonho contí